

DIRETOR: ANA CRISTINA GIL
 EDITOR: ADOLFO FIALHO
 EQUIPA EDITORIAL: ANA DIOGO,
 CATARINA RODRIGUES,
 LEONOR SAMPAIO DA SILVA,
 MAGDA CARVALHO,
 MARIA DA LUZ CORREIA,
 SUZANA NUNES CALDEIRA

DEZEMBRO DE 2021 • nº 47

AGORA

Página Facebook: <https://www.facebook.com/Agora-1851778665043178> | Email: agora.fcsh@gmail.com

JORNAL
 DA FACULDADE
 DE CIÊNCIAS SOCIAIS
 E HUMANAS
 DA UNIVERSIDADE
 DOS AÇORES

Nota de abertura

Viagens com o mar por todos os lados...

No rescaldo de mais um ano recheado de desafios e projetos, o *Agora* convida-nos a uma última viagem pelas iniciativas da FCSH, já em contagem decrescente para a sua entrada em 2022.

Neste número, a rubrica *Agora* dá notícia da cerimónia solene de atribuição do título de Doutor *Honoris Causa* na área das Ciências Sociais ao doutor Roberto Amaral e a rubrica *Agora* convida-nos a um olhar sobre o papel e o lugar de José do Canto no culto camoniano vivido nos Açores.

Na *conversa escrita* deste mês, Madalena Wallenstein, ligada aos Açores pelas origens e pelos afetos, partilha um interessante diálogo entre arte, educação e filosofias, desvelando uma riqueza de abordagens para todas as infâncias.

E antes de, em *Agora é moda*, fazer-mos um brinde ao ano velho, com toda a "sobriedade", em *Alumni* partilhamos o sentimento de pertença à UAc da antiga aluna Raquel Furtado e em *Agora é hora* trilhamos um caminho de perguntas, que ligam o Peru e os Açores, numa viagem do mestrand em Filosofia para Crianças José Maria Taramona-Trigoso.

ADOLFO FIALHO
 (DOCENTE DA FCSH)

Ágora

A poesia dos livros: a camoniana de José do Canto

Em 1880, a celebração em todo o país do tricentenário da morte de Luís de Camões tornou o poeta familiar aos portugueses. Houve palestras, artigos de divulgação nos jornais, saraus músico-literários e festejos populares com iluminações e roqueiras... Multiplicaram-se imagens de Camões e da sua obra numa imensidade de objectos, que iam da simples caixa de fósforos e do postal ilustrado a lenços, loiças, etc., etc.

No autêntico "culto camoniano" que então se despertou, o livro tornou-se, naturalmente, um objecto procurado. Possuir livros antigos das obras de Camões, conseguir refazer a história da edição de *Os Lusíadas* ou das *Rimas* através da posse de exemplares autênticos tornava-se um sonho em que se aliavam o patriotismo, um certo gosto pelo coleccionismo e a cultura.

José do Canto (1820-1898) inflamou-se neste culto camoniano, bem vivo nos Açores. Pertencente a uma família da elite social e ilustrada que o liberalismo promoveu em S. Miguel, representa um certo tipo de homem culto e cosmopolita da época. E se a paisagem da sua ilha ainda hoje está marcada pelo requinte com que conciliou a



"José do Canto inflamou-se no culto camoniano, bem vivo nos Açores", explica Maria do Céu Fraga.

beleza com interesses técnico-científicos e pragmáticos, também na cultura. José do Canto foi orientado por um inegável bom gosto, que se reflectiu tanto no convívio com alguns dos principais literatos da época como numa actividade de bibliófila esclarecida.

Na valiosíssima biblioteca que José do Canto constituiu, impõe-se um completíssimo núcleo camo-

niano, descrito pelo próprio nas cerca de 4000 entradas do catálogo que elaborou e foi publicado em 1895. Percorrendo este fundo, que constitui uma das principais camonianas existentes, consegue-se refazer a história da edição da obra de Camões e das traduções feitas, de 1580 até aos dias do proprietário, e também da recepção e da influência que o poeta

teve na cultura ocidental, portuguesa em particular. Episodicamente, a Biblioteca Pública de Ponta Delgada partilha este seu tesouro em exposições que, unindo Luís de Camões e José do Canto, despertam curiosidade e se revestem de elevadíssimo significado cultural.

MARIA DO CÉU FRAGA
 (DOCENTE DA FCSH)

Agora deu-me para isso

Patrícia Mendes, em *Pati Fofuras*, "dá pontos" entre a Amigurumi e a Psicologia

página 2

Alumni

Raquel Furtado fala do seu sentimento de pertença à FCSH-UAc

página 2

Conversa Escrita

Madalena Wallenstein partilha um interessante diálogo entre arte, educação e filosofias...

página 3

Agora

Roberto Amaral é o novo Doutor Honoris Causa da Universidade dos Açores

O ano de 2021 termina com chave de ouro na Universidade dos Açores: Roberto Amaral recebeu desta academia o título de Doutor Honoris Causa na área de Ciências Sociais. A cerimónia, decorrida no passado dia 10 no *campus* de Ponta Delgada, incluiu o cortejo académico e a imposição das insígnias doutorais - barrete e capelo - ao agraciado, numa Aula Magna onde estiveram presentes membros da comunidade

académica, bem como muitos convidados.

Os discursos do Reitor da UAc e de Gilberta Rocha, a madrinha, recordaram o rico percurso profissional, cívico, cultural e político do novo Doutor, e sublinharam a projeção deste ilustre economista açoriano não só a nível regional, mas também nacional e internacional. Roberto Amaral, nas palavras que proferiu, fez um breve balanço das várias etapas do



Doutor Roberto Amaral

seu trajeto de vida, terminando com a referência àquilo por que sempre diz ter lutado: uma sociedade mais justa.

O Grupo de Fados da Universidade dos Açores deu o mote musical ao evento, interpretando temas regionais e nacionais.

ANA CRISTINA GIL
 (DOCENTE DA FCSH)

Agora deu-me para isso

Pati Fofuras

Patrícia Mendes frequenta a licenciatura em Psicologia da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade dos Açores

O meu nome é Patrícia Mendes, tenho 35 anos e sou estudante de Psicologia.

Apesar de conviver com o artesanato desde muito nova (o meu pai é artesão), nunca foi uma atividade que me interessasse muito. Mas durante a pandemia senti necessidade de ocupar produtivamente os meus tempos livres. Após várias pesquisas na internet, deparei-me com estas lindas bonecas, feitas em croché, que adorei. E “deu-me para isso...”

Começar a fazer as bonecas foi um desafio, pois só conhecia os pontos básicos de croché. Através da internet pesquisei aulas de croché, aprendi a fazer mais pontos, e descobri os procedimentos básicos do Amigurumi, técnica japonesa para criar bonecos de croché ou tricô, sendo que “ami” significa malha ou tricô e “nuiigurumi”, bichos de peluche. Esta técnica, apesar de muito antiga, reapareceu com mais saliência nos anos 80 acompanhando o lançamento no mercado da boneca Hello Kitty. O desejo de brinquedos de aparência meiga, como a da Hello Kitty, levou a que muitas revistas femininas dessem orientações do passo-a-passo da técnica Amigurumi. A popularidade que a técnica e as bonecas conquistaram fez com que, em janeiro de 2002, tivesse sido criada a Associação Japonesa de Amigurumi.

Quando a mim, a princípio tive



“Durante a pandemia senti necessidade de ocupar produtivamente os meus tempos livres”, partilha Patrícia Mendes.

dificuldade em perceber alguns dos pontos. Além disso, fazer as bonecas a partir de uma receita já existente não me despertava muito interesse. Assim, fui tentando criar um estilo próprio, com que me identificasse mais. Fiz muito croché e também desmanchei muito. Foi muito difícil acertar com a base da boneca, ou seja, o tronco, a cabeça e

os membros, mas finalmente consegui. Geralmente a cabeça e o tronco são em forma de esfera e os membros cilíndricos. O tronco é mediano, os membros são pequenos, enquanto a cabeça e os olhos são grandes. Mas o maior desafio está na construção da roupa, do penteado e da expressão do rosto. Depois de fazer a primeira boneca, não

consegui parar, e foi aí que pensei que talvez as pudesse partilhar. Criei uma página no Facebook com o nome Pati Fofuras, onde divulgo as minhas “fofuras”, e sinto-me muito orgulhosa com elas.

PATRICIA MENDES
(ESTUDANTE DA FCSH)

Desigualdades Sociais. Educação. Territórios.

Fruto do trabalho de investigação do Centro Interdisciplinar de Ciências Sociais da Universidade dos Açores (CICS.UAc), foi lançado o livro *Desigualdades Sociais. Educação. Territórios.*, da autoria de Álvaro Borralho, Ana Cristina Palos, Fernando Diogo, Gilberta Pavão Nunes Rocha e Sandro Serpa (coordenadores) e que junta as comunicações apresentadas ao XI e XII Encontro de Sociologia dos Açores.

Na apresentação do livro, realizada a 8 de outubro no Teatro Micaelense, entrevistaram Álvaro Borralho e Fernando Diogo, autores, e o último Diretor do CICS.UAc, e Paulo Peixoto, sociólogo, professor da Universidade de Coimbra e presidente da Associação Portuguesa de Sociologia (APS). Os intervenientes colocaram em destaque o conteúdo da obra, o percurso do CICS.UAc, no seguimento do antigo Centro de Estudos Sociais (CES) - fundada em 1983 -, e o percurso recente

da Sociologia em Portugal, respetivamente, e o seu compromisso com o estudo da sociedade portuguesa.

O livro encontra-se à venda nas livrarias.

ÁLVARO BORRALHO
(DOCENTE DA FCSH)



A obra tem edição da *Húmus* na coleção *Debater o Social*

Alumni

Viver a UAc

Decorreram 5 anos desde que iniciei o meu percurso académico na Universidade dos Açores. Recordo-me do primeiro dia e do nervosismo que sentia, sabendo que ia começar uma fase tão importante da minha vida. Mal podia eu imaginar o que estava por viver! Comecei a licenciatura em Psicologia, onde, a cada ano que passava, tinha cada vez mais a certeza que estava no caminho certo. A forma como os professores tentavam sempre que tivéssemos algum contacto com a prática e com a realidade - através de testemunhos, trabalhos práticos e experiências nos locais - fez com que me sentisse muito mais motivada. A constante dinamização de palestras, *workshops*, congressos, conferências... havia sempre algo em que podíamos participar! O tempo passou a correr e 3 anos depois já estava na altura de me despedir desta casa que tão bem me acolheu. Depois de um mestrado concluído nou-

tra faculdade, durante estes 2 anos de pandemia, sinto mais ainda que foi na UAc que vivi realmente a experiência académica. Foi na UAc que vesti o traje e senti tanto orgulho, que praxeie e fui praxada, que estudei e trabalhei dias sem fim na biblioteca, que chorei ao cantar “Ó doce Ponta Delgada”, que me diverti, que vivi, que cresci. A insularidade pode representar uma desvantagem em certas temáticas, mas estudar na UAc está longe de ser uma delas. É uma experiência única que deixa marcas. Fica a sensação de estar rodeada de natureza, de ar puro, de calma, de tranquilidade. Fica a boa disposição e o acolhimento de toda a comunidade, até nas coisas mais simples como tomar um café no bar (as nossas sagradas!). Fica o facto dos professores nos ensinarem que mais importante do que toda a teoria que aprendemos é o sabermos estar presentes e ouvir os outros, tratar as pessoas

DIREITOS RESERVADOS



Raquel Furtado é licenciada em Psicologia pela UAc.

como pessoas e não como clientes. Ficam todos os laços criados, que hoje em dia estão ainda mais fortes. Fica, acima de tudo, o sentimento de pertença. Estudar na UAc, para mim, foi estudar em casa. E hoje, já mestre, fico tão grata por tudo o que esta mui nobre casa me deu e por tudo o que nela vivi.

RAQUEL FURTADO
(ANTIGA ALUNA DA FCSH)

Agora... Madalena Wallenstein, Coordenadora da Fábrica das Artes do CCB

“Mais do que criar para as infâncias trata-se de criar com as infâncias”

Ligada aos Açores pelas origens e pelos afetos, Madalena Wallenstein dá voz a um modo de viver a arte que extrapola caminhos convencionais. A partir da Fábrica das Artes - Centro Cultural de Belém, o seu dinamismo tem possibilitado fugas e transbordamentos entre arte, educação e filosofia, conseguindo mobilizar pessoas das mais diversas áreas em projetos como o Ciclo de Desaniversário. O *Agora* foi ao seu encontro na Toca do Coelho Branco numa conversa para todas as infâncias.



Madalena Wallenstein é Coordenadora da Fábrica das Artes do CCB (fabricadasartes.ccb.pt).

A Festa de Desaniversário começou em fevereiro e acaba em dezembro. Em que medida a pandemia e os confinamentos afetaram a programação deste Ciclo?

A pandemia atingiu o valor mais precioso que sustenta o sentido e os nossos modos de viver as artes, a educação e as culturas - estarmos juntos e em copresença nos seus Espaços de Encontro. Os formatos propostos desdobraram-se e exploramos transferências para o meio digital. Foi preciso repensar os meios de fazer chegar os espetáculos, oficinas, formações e sessões de pensamento aos públicos. Abriu-se um enorme território de novos públicos: do Brasil aos Açores, Madeira, Cabo Verde, Guarda, Bélgica, etc. Também há um aspeto muito importante que se prende com a precariedade da vida profissional dos artistas. A política portuguesa, cosmopolita e europeia, não preparou socialmente a sustentabilidade deste grupo profissional e a pandemia teve um efeito revelador. Este ciclo partiu dos clássicos de Lewis Carroll, *Alio no País das Maravilhas e Alice do Outro Lado do Espelho*, para chegar a residências artísticas, encontros-formação, curtas metragens (os *Filminhos Paradoxos*), um videojogo, um audiolivro, entrevistas, uma instalação e quatro espetáculos com conversas. Está também em preparação um livro. Como é a experiência de coordenar esta multiplicidade?

O pensamento labiríntico, que convoca o absurdo para provocar abalos no óbvio, os jogos de inversão de Alice, pode coincidir com

o pensamento rizomático, múltiplo, tateante, divergente, mas também rigoroso, geométrico, técnico que opera no próprio modo de pensar artisticamente em artes performativas contemporâneas. Partimos para a exploração dessas potencialidades no encontro entre arte e educação, sem abdicarmos da complexidade. Quando a pandemia surgiu, este ciclo já estava a ser pensado para a temporada de 2020/21. Em junho de 2019, a Maria Gil, do Teatro do Silêncio, propôs ao CCB/Fábrica das Artes (FA) o espetáculo *Paradoxos de Alice*, que retomava as explorações entre a criação artística e a filosofia. Apelei à sua cumplicidade para se aliar ao trabalho de curadoria artística e educativa com artistas emergentes e propus-lhe desdobrar os temas de Carroll. Assim surgiram: uma instalação imersiva, que dava acesso ao mundo onírico de Alice a partir de percursos, jogos interativos; 4 espetáculos de teatro portátil criados pelos jovens atores. Junto-se ainda um grupo de pessoas que trabalham em filosofia para crianças e tinham já colaborado com a FA, cuja diversidade de abordagens nos interessava: Magda Costa Carvalho, da UAc, Walter Kohan, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Dina Mendonça, da Universidade Nova de Lisboa (também docentes convidados na UAc), e a Rita Pedro que trabalha em educação.

Um dos aspetos centrais deste ciclo é o cruzamento da arte e da filosofia com a infância, uma infância não necessariamente cronológica. Pode falar-nos um pouco sobre uma arte “para todas as infâncias”?

Este plural é assumido como princípio crítico. Procurámos deslocarmo-nos da ideia de segmentação etária moderna tão característica da escola de massas e que tem o seu equivalente na segmentação de públicos da cultura e nos seus interditos. Imaginamos que haveria a possibilidade de fundar no teatro uma comunidade que se reúne pela força do que nos é comum. Corporiza-se em propostas artísticas abertas à interpretação e a oportunidades de participação, compostas por muitas camadas que não evitam a complexidade. A filosofia com crianças foi aqui um aliado fundamental. Costumo dizer que juntos, criação artística e filosofia com crianças, é a explosão, um reinício ou um modo novo de entendimento e de relação com as infâncias e com a educação.

Em que medida as crianças tiveram uma parte ativa no processo criativo?

Mais do que criar para as infâncias trata-se de criar com as infâncias. As crianças são parceiras porque justamente contamos com as suas perspetivas tanto nos momentos de criação como de receção. O interessante das artes contemporâneas é serem uma janela para ativar modos de sentir e pensar o mundo e a vida. Os grupos de crianças assistiram a ensaios abertos e deram os seus contributos. Os artistas integraram as suas palavras nos próprios textos. Este plano tão importante do projeto surge no documentário que estamos a preparar.

Uma das intervenções do ciclo é a participação do Mestrado em Filosofia para Crianças da UAc... como correram as

atividades decorrentes desta troca com o Mestrado?

A parceria foi fundamental para o aprofundamento do processo no encontro entre a filosofia, a infância e a criação artística. A UAc atravessou todas as etapas de intervenção deste ciclo: criação, formação de profissionais, angariação de públicos, condução de conversas com as crianças. A integração do grupo de crianças ligados a alguns projetos da UAc (de S. Miguel e de S. Jorge) já familiarizadas com a filosofia foi fundamental. Só com esta disponibilidade e empenho poderíamos ter alcançado resultados que transcendiam as expectativas.

A Alice do ciclo Festa de Desaniversário não é a Alice que estamos habituados... Pode falar-nos um pouco sobre isso?

Não se tratou de reproduzir a sua história, mas de recriá-la, inscrevendo nesta arena as artes performativas contemporâneas e explorando as problemáticas que fazem sentido hoje. Nesta proposta encontra-se uma oposição à ideia de herói estereotipado, adocicado e arredondado. Alice é das primeiras heroínas femininas a surgir nos imaginários literários. Essa força que Carroll colocou na narrativa foi explorada aqui: não apareceu nenhuma Alice delicada, loura ou de avental. As “Alices” surgiram representadas na diversidade: de idades, de cor de pele, de roupas, personalidades. Claro que estas propostas se verteram para os temas que os nossos jovens espectadores quiseram lançar para os debates.

MAGDA CARVALHO & MARIA DA LUZ CORREIA
(DOCENTES DA FCSH)

Agora é moda

A sobriedade consciente

ILUSTRAÇÃO DE CARLA MEDEIROS (ANTIGA ALUNA DO Mestrado em Pré-PRI DA FCSH)



Em vésperas de Ano Novo, brindemos ao novo mundo!

Ingerir álcool deixou de ser moda. Quem é chique diz que aderiu ao *mindful drinking* para explicar que abdicou conscientemente do álcool em nome de um estilo de vida saudável e de luta contra as dependências. A tendência resulta da pandemia. Embora já estivesse em marcha, ganhou força quando o confinamento fez disparar o consumo diário de álcool de 12% para 25%, tornando mais evidentes os efeitos nefastos do alcoolismo. Enquanto isso, 42% dos consumidores preferiam a abstinência, procurando adotar hábitos de vida saudável. A sobriedade voluntária já se tornou moda em Inglaterra, nos EUA e no norte da Europa, países em que a indústria de bebidas se está a adaptar à novidade, criando vinho tinto e licores sem álcool para uma convivialidade sóbria.

Acredito que o que mais cativa os fãs das bebidas alcoólicas são os copos a que têm direito. A suspeita que recai sobre quem não bebe álcool de ser “esquisito(a)” fez com que calhasse ao abstinente o pior copo do restaurante ou bar, uma espécie de cano de vidro, fechado dum lado. Peça-se água ou sumo, vem a mesma aberração vidreira, bruta e desleigante, já baça de tanto uso. A pessoa dá por si envergonhada por conspurcar o ambiente estético do espaço com aquela monstruosidade. Tentando manter o nível de bom gosto, opta por um cocktail sem álcool. Pensa, ingenuamente, que será entregue com minúcia e requinte. Qual quê! A probabilidade de a bebida chegar aos trambolhões nos mesmos canos de vidro baço é uma das mais constantes leis da física.

Nem sequer um brinde é feito sem álcool! Todos evitam tocar no leproso copo de água. Vê-se o esmero com que se prepara um aperitivo, a precisão do gesto que equilibra a rodela de limão, o ritual poético do digestivo, a delicadeza do cristal, a sofisticação do gelo brilhando multicolor em líquidos dourados. E percebe-se que a igualdade é uma utopia. Aposto convosco que, quando a sobriedade se estabelecer, haverá uma revolução cultural e política tão importante quanto a invenção do computador. Em vésperas de Ano Novo, brindemos ao novo mundo: viva a escola multi-bebidas! Viva a sobriedade sem preconceito! Viva o direito ao copo bonito! Tchim-tchim!

LEONOR SAMPAIO DA SILVA
(DOCENTE DA FCSH)

Agora Veja Liberdade Sissa Madruga

Esta rubrica tem a colaboração da Associação de Fotógrafos Amadores dos Açores (AFAA).



Agora é hora

Pode uma viagem aos Açores ser um caminho de perguntas?

Como começar um texto sobre uma viagem? Um texto pode ser o começo de uma viagem? Um texto pode ser uma viagem? Um texto-viagem? E a pesquisa de mestrado pode ser uma viagem? O que seria preciso para tornar uma pesquisa em uma viagem? O que seria preciso para tornar uma viagem em uma pesquisa? O que muda quando a pergunta é invertida? O que muda quando você faz uma viagem? E uma pesquisa? E uma pesquisa-viagem? O que acontece quando você viaja para pesquisar numa ilha? O que acontece quando você viaja para fazer pesquisa numa escola numa ilha? O que acontece quando você viaja para fazer pesquisa numa aula de filosofia numa escola numa ilha? O que acontece quando você viaja para fazer pesquisa numa aula de filosofia com crianças numa escola numa ilha? O que torna uma aula de filosofia numa ilha? Será que há outro tempo? Ou será que é o mesmo tempo noutra ritmo? Será que há outras palavras? Ou será que são

as mesmas, mas ditas de maneira diferente? Será que há outro olhar? Ou será que o olhar se desvia para outras coisas? Quanto somos capazes de pensar quando estamos rodeados por um mar (de pensamentos)? E se nos deixarmos ser inundados? E se mergulharmos naquele mar (de pensamentos)? Poderíamos encontrar respostas para todas as nossas perguntas? Queremos encontrar respostas para todas as nossas perguntas? E se não é para responder, para que perguntamos? Será que podemos viver com as perguntas? Será que podemos colocar as perguntas numa mala e viajar com elas? Quantas perguntas se podem acumular numa viagem? E quantas perguntas ficam para trás? Uma viagem pode ser um caminho feito de perguntas? Quantos caminhos uma pergunta abre numa viagem? E num texto? Será que as perguntas fazem o texto (ou a pesquisa) viajar? Será

JOSÉ MÁRIA TARAGONA-TRIGOSO
(MESTRANDO EM FILOSOFIA PARA CRIANÇAS
(UAC), EM VIAGEM AOS AÇORES)

DIREITOS RESERVADOS



Um caminho de perguntas, que ligam o Peru e os Açores, numa viagem do nosso mestrando José Maria Taramona-Trigoso.

Ficha Técnica

Adolfo Fialho, Álvaro Borralho, Ana Cristina Gil, André Mendonça, Carla Medeiros, José Maria Taramona-Trigoso, Leonor Sampaio da Silva, Magda Carvalho, Maria da Luz Correia, Maria do Céu Fraga, Patrícia Mendes, Raquel Furtado e Sissa Madruga.